

Apresentação

A *Revista Nós – Cultura, Estética e Linguagens* apresenta-se como um *locus* de discussão de temas de relevância acadêmica e cultural. Nesse aspecto, a revista aproveita-se da hospitalidade do Cerrado como um lugar de encontros e trocas culturais por excelência, buscando propiciar o convívio entre os diferentes, promover o diálogo entre contraditórios.

Fruto da iniciativa conjunta e interinstitucional de dois grupos de pesquisa ligados ao CNPq, SECEC - Saberes, Expressões Culturais e Estéticas do Cerrado, composto por professores da Universidade Estadual de Goiás, e GEHIM – Grupo de Estudos de História e Imagem, administrado por docentes da Universidade Federal de Goiás, a *Revista Nós* objetiva promover o encontro interdisciplinar entre pesquisadores de diversas áreas que desenvolvem estudos sobre os temas “cultura”, “estética” e “linguagens”. Uma salutar aproximação epistemológica entre literatura, história, geografia, arquitetura e urbanismo, artes plásticas, expressões artísticas populares e eruditas, *pop* e de vanguarda. O escopo é, potencialmente, infinito.

O título da revista, NÓS, evoca justamente essa parceria focada na interdisciplinaridade e na multiplicidade de saberes. O sentido de NÓS é tanto estrito quanto simbólico: NÓS do cerrado, NÓS no cerrado, NÓS que nos encontramos no cerrado. O título também explora a polissemia do termo NÓS na língua portuguesa, evocando o pronome pessoal da primeira pessoa do plural, bem como o substantivo que nomeia o “ato de amarrar uma corda”. Os dois sentidos expressam metaforicamente a proposta da revista: a construção plural e a união de saberes. Os diferentes NÓS formam diferentes redes: redes de saberes, redes interpretativas, redes metodológicas, redes conceituais, redes institucionais.

Um conjunto de individualidades forma o coletivo. E a construção coletiva sempre foi a razão de ser das revistas acadêmicas, sendo isso ainda mais verdadeiro no ambiente digital, marcado pela inteligência colaborativa. Essa individualidade criadora e reflexiva, que é sempre importante defender, é fruto de influências e diálogos, ainda que conflituosos. Um artigo acadêmico é sempre uma construção coletiva, ainda que redigido por um único autor. Em sua confecção, tal autor certamente valeu-se de uma extensa rede colaborativa, formada pela bibliografia, pelos professores, pelo orientador e orientandos, por colegas e amigos e, mesmo, por comentaristas eventuais encontrados em eventos. Pode ter subido nos ombros de

gigantes para ver mais longe, como sugeriu Isaac Newton; ou para lhe dar pretensiosos cascudos. Por que não? Humildade científica não precisa excluir o arrojo, desde que se saiba o que se está fazendo, e seja respeitoso. O fato é que quando ocorre a publicação, o artigo incorpora as recomendações dos editores, revisores e pareceristas. Nesse sentido, o artigo, bem como a revista, poderia facilmente utilizar o lema do Ubuntu: “sou quem sou porque somos todos nós”.

A palavra NÓS, possui ainda outro significado na língua portuguesa: plural da unidade de medida náutica, utilizada para medir a velocidade das embarcações. Metaforicamente, o termo serve para indicar a aceleração das mudanças contemporâneas. Walter Benjamin, na parte introdutória do seu ensaio “O Narrador”, caracteriza a modernidade como uma época em que nada permanece inalterado, exceto as nuvens. Infelizmente, nem as nuvens estão a salvo do turbilhão de mudanças que atinge a sociedade atual. O mundo está acelerado e esta revista, para manter-se à altura das mudanças, requer uma nova configuração. Nessa perspectiva, ela pretende ser mais dinâmica e mais interligada às redes sociais e, portanto, mais interativa. Como as palavras-chave do título indicam, o estudo da cultura não pode ser desvinculado da linguagem e da estética.

A cada volume, a *Revista Nós – Cultura, Estética e Linguagens* vai homenagear um artista, ilustrando com suas obras a capa e os intervalos entre os textos e as entrevistas. Fechando a edição teremos um ensaio crítico sobre sua vida e obra. Nesta edição o homenageado será o artista transmídia, professor, músico, compositor e quadrinista Edgar Silveira Franco, o Ciberpajé, mineiro radicado em Goiás, um destacado representante da arte de vanguarda brasileira, com destaque internacional. A autora do ensaio é Danielle Barros, doutora pela Fundação Oswaldo Cruz e artista.

A arte da entrevista também é cultivada pela *Revista Nós – Cultura, Estética e Linguagens*. Nesta edição teremos três entrevistas. A primeira, realizada pela professora Viviane Leandra, é justamente com Edgar Franco. Viviane Leandra é pesquisadora de sua obra, tendo realizando um trabalho de análise sobre o romance gráfico *BioCyberDrama Saga*, principal tema da entrevista. A segunda entrevista foi realizada com Rodrigo Spiga e Ronaldo Zaharijs, sobre o processo criativo de concepção do romance gráfico *137*, inspirado pelo acidente radiológico ocorrido em Goiânia, capital de Goiás, na década de 1980. A terceira é com o consagrado artista e professor universitário Juscelino Neco, um dos mais talentosos

quadrinistas na nova geração, autor de obras contundentes como *Parafusos*, *Zumbis e Monstros do Espaço* e *Matadouro de Unicórnios*.

Na presente edição temos nove artigos, compondo em seu conjunto o “dossiê arte sequencial”. O tema geral são histórias em quadrinhos, como são popularmente chamadas, enfocadas em toda complexidade e alcance artístico. A organização do dossiê foi realizada por Danielle Barros, Edgar Franco e Ademir Luiz da Silva, um dos editores da *Nós*, que realiza pesquisas e produção da área de quadrinhos.

O primeiro artigo é “Da subversão ao abandono da linguagem em tiras contemporâneas”, escrito pela dupla Alberto Ricardo Pessoa e Henrique Paiva de Magalhães, professores Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba. O artigo faz uma interessante discussão sobre o processo de desenvolvimento da linguagem dos quadrinhos. Na sequência temos “As aventuras hiper-reais do capitão gralha”, de Ivan Carlo Andrade de Oliveira, professor do curso de Jornalismo da Unifap e doutorando do Curso de Arte e Cultura Visual da FAV-UFG. Um super-herói puxa outro e o terceiro trabalho enfoca um dos mais interessantes personagens da galeria de super-heróis da editora Marvel, recentemente adaptado para o cinema, o Doutor Estranho. O próprio título do trabalho lembra uma fórmula mágica: “Dr. Estranho: para uma leitura imagética embevecida dos desenhos, estilos e variações das HQs místico/esotéricas desse distinto personagem do rol dos super-seres!”. O autor da pérola é o professor e artista Gazy Andraus, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA, da USP. Muitos diriam que Gazy é um “doutor estranho” por si só.

Depois das dramáticas aventuras do Doutor Estranho, nada melhor que um alívio cômico, mas sem perder a seriedade jamais. O clássico personagem Pateta, da Disney, é tema do artigo “Coleção ‘Pateta Faz História’: uma análise”, da doutoranda em artes Lígia Maria de Carvalho. Falando em seriedade, o próximo texto é um profundo debate sobre questões teóricas, trata-se do artigo “Artes gráficas e sequenciais: armadilhas conceituais”, escrito por Paula Mastroberti, professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Um bloco centrado em questões ligadas aos diferentes níveis de percepção nos quadrinhos se inicial com “Arte dos Sonhos de Rick Veitch”, do doutorando Matheus Moura Silva, e segue com “O Demônio ao Por do Sol: a jornada destrutiva e ressurreição em Sandman – Estações das Brumas”, de Octávio Aragão, professor adjunto da Escola de Comunicação da UFRJ.

O oitavo trabalho é uma instigante reflexão sobre a “A função mediadora das adaptações literárias para os quadrinhos na formação do leitor”, apresentada pela professora Valéria Aparecida Bari, líder do PLENA – Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa - e docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Por fim, fechando o dossiê, temos uma proposta ao mesmo tempo performática e metalinguística, o artigo “Diálogo entre (linhas) crítica e poética: o pós-humano em *Star Wars* e na obra quadrinhística de Edgar Franco”, onde Ademir Luiz da Silva e Edgar Silveira Franco travam um debate entre criador e crítico ao longo do corpo textual do próprio artigo. Ou seja, procuram responder a pergunta: o que poderia ocorrer se o artista tivesse a chance de contrapor ou contemporizar a análise do estudioso de sua obra?

Esse volume da *Nós* apresenta três resenhas, não por acaso todas elas de romances gráficos. Tal opção se configura tanto como uma forma de contemplar o tema do dossiê quanto uma maneira de fortalecer a arte sequencial enquanto objeto de estudo acadêmico. O primeiro romance gráfico analisado é *Conclave*, obra de Ademir Luiz em parceria com o artista paulista Rafael Campos Rocha. O texto a seguir versa sobre *BioCyberDrama Saga*, de Edgar Franco em parceria com o célebre ilustrador Mozart Couto, álbum que foi tema da primeira entrevista. O terceiro trabalho é sobre *O.R.L.A.*, de Matheus Moura, uma narrativa gráfica que enfoca em ritmo de aventura e militância pelos direitos dos animais.

Fechando o número, logo depois do perfil do artista, e como um complemento dele, temos o texto “Sigilos Mágicos e Processos criativos de Quadrinhos: Notas sobre a arte exclusiva da capa desse número da revista *Nós* e a HQ *Desvelar*”, onde o próprio Edgar Franco, o Ciberpajé, apresenta uma salutar reflexão sobre sua poética. Gentileza e desprendimento artístico pelo qual temos muito que agradecer.

Nós lhe desejamos uma ótima leitura.

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva (UEG)

Prof. Dr. Ewerton de Freitas Ignácio (UEG)

Prof.^a Dr.^a Heloisa Capel (UFG)

Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (UEG)